

EVOLUÇÃO ECONÔMICA E POPULACIONAL DA REGIÃO DE CAMPINAS (DE 1980 ATÉ OS DIAS DE HOJE)¹

*Paulo Borlina Maia e
Gustavo Coelho de Souza²*

1. DINÂMICA DE CRESCIMENTO

O processo de ocupação da região Campinas teve origem na agricultura de subsistência e no comércio, este voltado para as atividades tropeiras que vinham de Santos com destino a Goiás, Curitiba e Minas Gerais (Zaluar apud Baeninger 1992). No final do século XIX, a atividade econômica, já consolidada pelas culturas do algodão, da cana-de-açúcar e do fumo, acentuou-se com a implantação do café, fato que contribuiu para um grande fluxo populacional de imigrantes. Apesar da crise econômica mundial de 1929, a região foi capaz de reorganizar sua agricultura com a substituição do café por outras culturas, impedindo um provável esvaziamento populacional, além de contribuir para o surgimento de algumas atividades industriais.

A indústria encontrou condições favoráveis para se instalar na RA de Campinas, entre elas, infra-estrutura pré-existente, setor terciário relativamente desenvolvido, mão-de-obra disponível, mercado em expansão e proximidade com a capital paulista. Na década de 50, a região já se projetava como importante centro industrial do estado e com setores de comércio, serviços e agricultura bastante dinâmicos.

Nos anos 60 e 70, a região tornou-se um dos principais eixos de expansão de desenvolvimento do estado, contribuindo para um aumento

1 Este artigo é o primeiro de um conjunto de três textos, elaborados por analistas da F. SEADE, a serem publicados na Cadernos da FACECA. Compõem um relatório técnico que se propôs a estudar a dinâmica sócio-econômico-demográfica das diferentes regiões do Estado de São Paulo, no bojo das transformações ocorridas a partir de 1980. Cada texto enfoca um aspecto desta dinâmica (Evolução Econômica e Populacional, Fecundidade, Migrações, Mortalidade, Mortalidade Infantil e Nupcialidade) na Região de Campinas.

2 Analistas da F. SEADE.

dos fluxos migratórios e acarretando um rápido aumento populacional. Vários fatores contribuíram para este desenvolvimento: a interiorização das atividades industriais, que até então encontravam-se muito concentradas na Região Metropolitana de São Paulo; a unificação do mercado de trabalho com uma agricultura subordinada à indústria; incentivos governamentais; uma adequada rede de transportes ferroviários e rodoviários; uma adiantada infra estrutura urbana e bons indicadores de serviços sociais básicos (saúde e educação).

A estagnação econômica em todo o país, na década de 80, teve um forte impacto na Região Metropolitana de São Paulo. O interior do Estado, entretanto, apresentou níveis de crescimento razoáveis em função do setor primário e da produção industrial e agro-industrial voltadas para a exportação. A região de Campinas apresentou um crescimento econômico contínuo, embora num ritmo inferior ao de décadas anteriores (Semeghini, 1992). Atualmente, esta região detém uma das economias que mais crescem em todo o estado.

As características de seus ramos de atividade exemplificam este dinamismo. No setor primário, a RA de Campinas tem se destacado na agricultura devido à intensificação produtiva e à sua grande diversificação, particularmente para os produtos hortifrutigrangeiros e para as culturas agro industriais de exportação, com destaque para o algodão, a batata, a cebola, o tomate, a uva de mesa e industrial, o morango, a goiaba, a laranja, a maçã, o pêssego, o café e a cana-de-açúcar.

No setor secundário, até a década de 50, prevaleciam as indústrias voltadas para transformação de produtos de origem agrícola, como o têxtil e o alimentício. A partir da década de 60, grandes empresas de ramos mais modernos começaram a se fixar na região, principalmente, nos municípios que já apresentavam um certo desenvolvimento industrial, o que diversificou ainda mais a indústria, destacando-se, além dos ramos de produtos alimentícios e têxteis, já citados anteriormente, os da indústria de transformação de minerais não metálicos, mecânicos, metalúrgicos, químicos e farmacêuticos.

No terciário, seu desenvolvimento tem acompanhado a evolução de outros ramos de atividade, desempenhando também um importante papel. Seu potencial turístico é grande e diversificado. Localizam-se nesta região as estâncias hidrominerais mais conhecidas do Estado

tais como Serra Negra, Águas de Lindóia, Águas de São Pedro, Amparo e Lindóia. Serão inaugurados, em 1998, em Itupeva e Paulínia, dois parques temáticos. A região é conhecida também pelos importantes pólos científico e tecnológico. O município de Campinas conta com duas universidades (Unicamp e Pucamp), várias instituições de pesquisa e desenvolvimento tecnológico do país, tais como o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento (CPqD) da Telebras, a Fundação Centro de Desenvolvimento Tecnológico para Informática (CTI), a Companhia de Desenvolvimento Tecnológico (Codetec), o Instituto Agrônômico de Campinas (IAC), o Instituto Biológico, entre outros. A região dispõe de opções de compra para todos os segmentos da população. Somente na cidade de Campinas, há cinco shopping centers.

A RA de Campinas tornou-se a segunda região em importância populacional do estado, perdendo somente para a Região Metropolitana de São Paulo, com um contingente populacional que passou de 1.061.745 em 1940 para 4.450.522 em 1996. Sua evolução pode ser melhor visualizada através de taxas de crescimento populacional. Desde 1940 a RA de Campinas vem apresentando taxas de crescimento positivas (Tabela 1). No período 1940/50 até o de 1970/80 a população cresceu a um ritmo intenso. As taxas passaram de 0,8% a.a. para 4,4% a.a. A partir daí, verifica-se o início de uma redução com as taxas passando para 2,9% a.a. em 1980/91 e para 2,1% a.a. em 1991/96. Ademais, as taxas de crescimento da RA eram menores que as do Estado de São Paulo até os anos 60, a partir daí, a situação inverte-se.

Esta tendência de desaceleração do crescimento também ocorreu na maioria das RG que compõem a RA de Campinas. Na tabela 2 verifica-se que nas RG de Campinas, Jundiaí, Limeira, Piracicaba e Rio Claro, as taxas de crescimento no período 80/91 foram menores com relação ao período anterior. As de Bragança Paulista e São João da Boa Vista praticamente não se alteraram. No período 90/96 esta tendência ainda persiste, tendo como única exceção a RG de Rio Claro que subiu de 2,1% para 2,5% a.a. em 80/91 e 91/96.

Com relação aos municípios que compõem a região, houve uma tendência de homogeneização nas taxas de crescimento. No período 1970/80 a região contava com 11 municípios com taxas de crescimento negativo e 10 com taxas superiores a 6% a.a. Nos períodos subsequentes, verifica-se uma estabilização no ritmo de crescimento. Em 1980/90, ape-

nas o município de Itobí apresentou taxa negativa, enquanto que apenas 4 tiveram taxas superiores a 6%a.a. em 1991/96. Já no período seguinte, não foi verificado nenhum caso de municípios com taxas negativas e apenas Hortolândia e Santa Gertrudes tiveram taxas superiores a 6%a.a. Recorra-se à Tabela 9 para comparar os graus de urbanização, taxas de crescimento e as populações dos municípios da região.

Tabela 1 - Evolução da população da RA de Campinas e taxas de crescimento geométricas
RA de Campinas e do Estado de São Paulo, 1940-1996

Anos	RA de Campinas		Estado de SP Taxa (%)
	População	Taxas (%)	
1940 (1)	1.066.715		
1950 (1)	1.153.702	0,8	2,4
1960 (1)	1.519.217	2,8	3,6
1970 (2)	2.071.866	3,1	3,2
1980 (2)	3.196.969	4,4	3,5
1991 (2)	4.382.452	2,9	2,1
1996 (2)	4.867.181	2,1	1,6

(1): Censos Demográficos. Dados de 1º de setembro

(2): Fundação SEADE. População ajustada para 1º de julho.

Tabela 2 - População e taxa de crescimento geométrico
Regiões de Governo de Campinas, 1970-1996

Regiões de Governo	População				Taxa de Crescimento		
	1970	1980	1991	1996	70/80	80/91	91/96
Bragança Paulista	224.738	288.495	308.114	416.094	2,5	2,5	1,8
Campinas	770.497	1.399.531	2.019.329	2.277.223	6,1	3,4	2,4
Jundiaí	247.881	399.447	534.129	578.936	4,9	2,7	1,6
Limeira	238.085	338.487	465.002	521.045	3,6	2,9	2,3
Piracicaba	215.729	294.437	394.800	434.236	3,2	2,7	1,9
Rio Claro	117.032	149.315	188.024	213.140	2,5	2,1	2,5
São João da Boa Vista	273.044	327.257	401.054	426.507	1,8	1,9	1,2
Total (RA de Campinas)	2.087.006	3.196.969	4.382.452	4.867.181	4,4	2,9	2,1

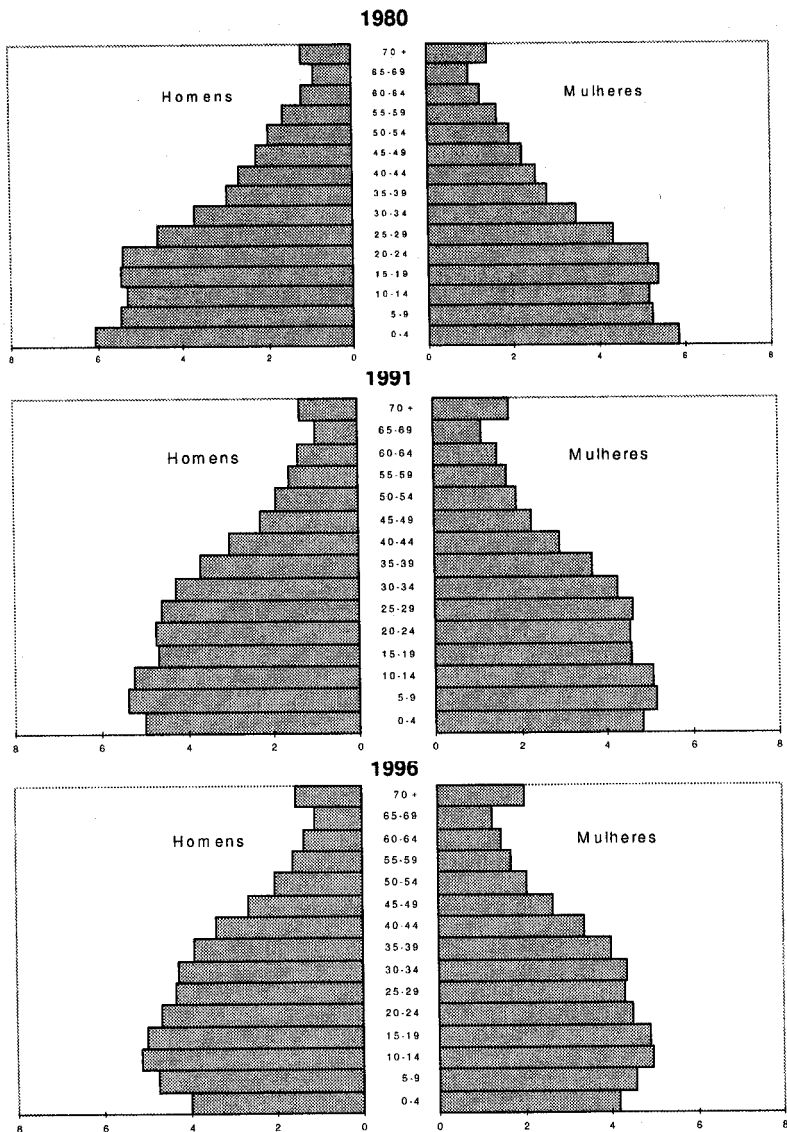
Fonte: Fundação SEADE.

2. ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO

O comportamento das três variáveis demográficas fundamentais (fecundidade, mortalidade e migração), abordado em outros artigos (ver nota de rodapé inicial), vem sofrendo uma série de modificações ao longo das últimas décadas. Estas vão determinar níveis diferentes no crescimento populacional da região, resultando numa estrutura etária também mutante. As alterações ao longo das últimas décadas podem ser constatadas no Gráfico 1, que mostra as pirâmides etárias de 1980, 1991 e 1996. A base da pirâmide vem se estreitando cada vez mais, uma vez que houve uma diminuição relativa da população entre 0 a 15 anos de idade, num aumento da proporção da população em idades potencialmente ativas (15 a 64 anos) e num aumento da proporção da população idosa, com mais de 65 anos de idade.

Estas transformações já começaram a influenciar toda a esfera social e econômica e irão influenciá-la ainda mais no futuro. Com efeito, a menor proporção de crianças ou mesmo a redução no seu número absoluto, bem como uma maior população em idade ativa e idosa, implicam em mudanças nas demandas por educação, emprego, saúde, previdência, etc.

Gráfico 1: Pirâmides Etárias
RA de Campinas 1980 - 1991 - 1996



3. FATORES SOCIOECONÔMICOS

Esta parte tem por objetivo analisar a dinâmica intra-regional dos fenômenos vinculados à estrutura socioeconômica dos municípios pertencentes à região de Campinas. Aqui, a situação socioeconômica regional está expressa com duas variáveis: as arrecadações municipais, representada pelo Valor Adicionado, e a renda dos chefes de domicílio.

Definida a abordagem aqui proposta, a estruturação desta parte ficou dividida em duas partes:

- a) análise das finanças municipais, a partir do Valor Adicionado e sua correspondência com a população, gerando o Valor Adicionado Per Capita. Esta informação visa compreender a evolução das economias municipais no período 1985/1994, vinculando-a à dinâmica do crescimento populacional e
- b) investigar, a partir dos dados do Censo Demográfico de 1991, a situação socioeconômica dos chefes dos domicílios com os dados da renda por eles auferida.

Com estes dois indicadores procurou-se avaliar, de um lado, a situação das finanças públicas relacionadas à dinâmica populacional, discutindo os impactos causados na região pela crise econômica do país, entre meados dos anos 80 a meados dos 90. De outro, as vinculações entre a situação de renda dos chefes de domicílio tendo em vista a elevada urbanização dos municípios e a dinâmica econômica regional.

Como destacado na primeira parte deste capítulo, a RA de Campinas caracteriza-se por seu dinamismo econômico, que pode ser observado através da participação do Valor Adicionado da região em relação à do total do estado em 1985 e 1994. Em 1985, esta participação era de 16,9%, enquanto no seguinte subiu para 17,7%, ou seja, um incremento de 5,1%. A participação da população regional em relação à do Estado saltou de 13,8%, em 1985, para 14,2%, em 1994, com um incremento de 2,7% (tabela 3).

Tabela 3 - Relação entre o crescimento do Valor Adicionado e o crescimento populacional
RA de Campinas e Estado de São Paulo - 1985 e 1994

Unidade	1985				1994			
	Valor em reais ⁽¹⁾		Pop		Valor em reais ⁽¹⁾		Pop	
	n	%	n	%	n	%	n	%
RA Campinas	28.099	16,9	3.822.462	13,8	38.041	17,7	4.678.844	14,2
Est. S.P.	166.631	100,0	27.715.306	100,0	214.694	100,0	33.042.855	100,0

Fonte: Fundação Seade - Pesquisa Municipal Unificada - PMU - 1995.

Nota: (1) em milhões de reais

Entre 1985 e 1994, houve um incremento do Valor Adicionado da RA de 3,1% ao ano enquanto no Estado, este foi de 2,6%. No entanto, este aumento não foi homogêneo nos municípios da região. Aconteceram casos onde houve um grande decréscimo do VA e outros com grande incremento. São destaques negativos os de Sumaré³, com -7,0% ao ano, Morungaba (-5,9%), Conchal (-5,8%), Rafard (-5,4%) e, positivos, os de Louveira (o maior, com 17,6%), Monte Mor (15,9%), Paulínia (14,3%) e Itupeva (com 13,8%). Se o de Sumaré apresentou uma queda expressiva do VA Municipal, esta veio acompanhada de uma estabilização do incremento de sua população (no período houve um crescimento médio anual de apenas 0,5%), que pode significar uma situação menos grave para esta queda financeira, se comparada, por exemplo, com o de Conchal que, além de perder 5,8% ao ano, ainda experimentou um incremento populacional de 3,25% ao ano, no mesmo período. Ou seja, Conchal apresenta uma situação muito grave quando observa-se a renda per capita do Valor Adicionado (tabela 4).

Com efeito, a relação entre o crescimento da população e o do VA mostra um quadro muito diverso entre os municípios. Considerando que a situação ideal é a que apresenta um acréscimo Valor Adicionado per capita, verificamos que existe esta situação apenas nos casos dos municípios com grande crescimento populacional, como é o caso de

3 No caso do município de Sumaré, no período entre 1985 e 1994, houve a emancipação de seu território do município de Hortolândia. Para efeito deste estudo, os dados de 1994 de Hortolândia foram acrescidos ao de Sumaré, para viabilizar a análise da série histórica de 1985 a 1994.

Monte Mor (que apresentou uma taxa de crescimento anual da população entre 1985 e 1994 de 4,6%, e do Valor Adicionado de 15,8%, como foi visto) e Cosmópolis (com 5,1% e 9,9%, respectivamente). Dentre os que tiveram grande crescimento populacional, mas não tão grande incremento do Valor Adicionado, destaca-se Campo Limpo Paulista, com valor para a população próximos ao de Cosmópolis, porém com uma taxa para o Valor Adicionado de 2,3% ao ano (tabela 5). No extremo oposto, não ocorreram quedas acentuadas do Valor Adicionado associadas a quedas de população. Somente em Artur Nogueira⁴ houve queda de população neste período (com -1,0% ao ano), porém, em 25 deles, inclusive naquele município, houve queda do Valor Adicionado.

Tabela 4 - Variação do Valor Adicionado e da população total. Municípios escolhidos, segundo as quatro maiores e as quatro menores variações do Valor Adicionado. Municípios da RA de Campinas 1985/1994.

1985			1994		1985/1994	
Municípios	Valor em Reais	Pop	Valor em Reais	Pop	v.adic.	pop
Sumaré	3.884.457.289	247.620	1.877.050.213	259.124	-7,0	0,5
Mombuca	26.545.422	2.637	14.487.216	2.734	-5,9	0,4
Conchal	73.109.141	15.514	41.888.530	21.169	-5,8	3,2
Rafard	93.663.219	7.006	53.860.618	8.707	-5,4	2,2
Itupeva	35.852.470	13.160	30.335.716	19.551	13,8	4,0
Paulínia	1.297.862.350	26.720	4.953.312.445	41.112	14,3	4,4
Monte Mor	121.096.694	18.301	527.562.302	28.568	15,9	4,6
Louveira	37.681.891	12.645	191.144.581	17.328	17,6	3,2
RA Campinas	28.099.193.471	3.822.462	38.041.609.921	4.678.884	3,1	2,0
Est. São Paulo	166.631.598.347	27.715.306	214.694.510.312	33.042.855	2,6	1,8

Fonte: Fundação Seade - Pesquisa Municipal Unificada - PMU - 1995.

4 O município de Artur Nogueira entre 1985 e 1994 perdeu território para os de Holambra e Engenheiro Coelho que emancipam-se neste período. Para efeito de cálculo, os valores destes municípios foram reincorporados ao de Artur Nogueira em 1994.

Tabela 5 - Variação do Valor Adicionado e da população total. Municípios escolhidos, segundo as quatro maiores e as quatro menores variações de população. Municípios da RA de Campinas 1985/1994.

Municípios	1985		1994		1985/1994 v.adic. pop
	Valor em Reais	Pop	Valor em Reais	Pop	
Artur Nogueira	247.312.949	28.263	207.730.456	25.596	-1,7 -1,09
São Sebastião da Grama	52.625.647	11.572	42.135.307	11.630	-2,2 0,1
Caconde	38.299.190	16.832	32.333.287	17.398	-1,7 0,3
Mombuca	26.545.422	2.637	14.487.287	2.734	-5,9 0,4
Monte Mor	121.096.694	18.301	527.562.302	28.568	15,8 4,6
Várzea Paulista	267.911.912	46.368	380.858.458	74.185	3,6 4,8
Campo Limpo Paulista	343.035.256	30.260	432.009.113	49.276	2,3 5,0
Cosmópolis	186.255.966	28.487	432.530.839	46.803	8,8 5,1
RA Campinas	28.099.193.471	3.822.462	38.041.609.921	4.678.844	3,1 2,0
Est. São Paulo	166.631.598.347	27.716.306	214.694.510.312	33.042.855	2,6 1,8

Fonte: Fundação Seade - Pesquisa Municipal Unificada - PMU - 1995.

A análise da relação entre os crescimentos da população e do Valor Adicionado no período estudado implicou na observação do comportamento do VA Per Capita dos municípios. Dois aspectos saltam aos olhos. O primeiro refere-se ao valor de Paulínia em 1994, que supera os R\$ 120 mil e o segundo a expressiva diferença da média desta região com a do estado no mesmo ano: R\$ 8.130 e R\$ 6.497, respectivamente, ou seja, a região de Campinas possui um Valor Adicionado Per Capita 25% superior ao do estado. Esta diferença entre o comportamento da região em relação ao total do Estado também fica evidente quando se analisa a evolução média anual desses valores: no Estado esta foi de 0,8% e na RA foi de 1,0% ao ano.

Apesar dos dados positivos da evolução do VA Per Capita no conjunto da RA, mais da metade dos municípios pertencentes a ela tiveram queda entre 1985 e 1994. Conchal (com queda de -8,7%), Sumaré e Rafard (com -7,4%) e Itacemópolis (com -7,2%), foram os municípios que apresentaram os maiores decréscimos, enquanto que Itupeva (com aumento de 9,4% ao ano), Paulínia (com 9,5%), Monte Mor (com 10,8%) e Louveira (com 14,0% ao ano), foram os de maior crescimento (tabela 6). Recorra-se à Tabela 10 para comparar os Valores Adicionados Per Capita dos municípios da região.

Tabela 6 - Variação do Valor Adicionado Per Capita e da população total. Municípios escolhidos segundo os quatro maiores e os quatro menores Valores Adicionados Per Capita. Municípios da RA de Campinas 1985/1994.

Municípios	Valor Adicionado ⁽¹⁾		Variação 85/94
	1985	1994	
Conchal	4.905	1.978	-8,7
Sumaré	15.687	7.243	-7,4
Rafard	13.369	6.185	-7,4
Iracemápolis	15.841	7.517	-7,2
Itupeva	2.724	6.666	9,4
Paulínia	48.572	120.483	9,5
MonteMor	6.616	18.466	10,8
Louveira	2.979	11.030	14,0
RA Campinas	7.351,07	8.130,56	1,0
Estado de São Paulo	6.012,26	6.497,46	0,8

Fonte: Fundação Seade - Pesquisa Municipal Unificada - PMU - 1995.

Nota: (1) em reais de 1994

4. RENDA DO CHEFE DE DOMICÍLIO

A região apresenta um perfil de renda dos chefes de domicílio relativamente heterogêneo. Os valores mais baixos situam-se por volta de 3,3 salários mínimos (Pedra Bela e Caconde) e os mais altos em torno de 5,5 s.m. (Campinas e Águas de São Pedro). A média regional (4,6) aproxima-se da estadual (4,7). Observando a participação dos chefes quando esta renda é distribuída por faixas de salários mínimos (chefes que auferem menos de 3, de 3 a 5., de 5 a 10 e os que ganham mais de 10 salários mínimos médios mensais), constata-se esta mesma semelhança com as médias estaduais, havendo apenas uma pequena inversão no caso de Campinas, onde existe uma maior presença de chefes com baixos salários médios em detrimento dos que ganham mais. Contudo, se as médias dos que auferem até 3 salários mínimos na RA de Campinas é maior do que a estadual, esta situação inverte-se no caso dos chefes que não possuíam rendimentos, ou seja, enquanto estes na região representavam 2,9% do chefes, no Estado eram 4,1% (tabela7).

Tabela 7 - Rendimentos dos Chefes de Domicílio. Municípios escolhidos segundo as quatro maiores e as quatro menores Rendas Médias. Municípios do Estado de São Paulo, 1991.

Municípios	Renda ⁽¹⁾	Distribuição em salários mínimos				Sem	
	Média	- de 3	+ de 3 a 5	+ de 5 a 10	+ de 10	Renda	total
Pedra Bela	3,3	79,1	7,1	8,3	0,9	4,7	100,0
Caconde	3,4	78,8	10,0	4,9	3,3	3,0	100,0
Nazaré Paulista	3,5	75,5	10,9	6,5	3,1	4,0	100,0
Tapirativa	3,6	68,2	22,3	6,2	1,9	1,3	100,0
Valinhos	5,0	40,1	22,6	22,7	12,8	1,9	100,0
Jundiaí	5,0	39,1	20,6	21,8	15,2	3,2	100,0
Campinas	5,4	33,8	20,5	22,0	20,5	3,2	100,0
Águas de São Pedro	5,6	40,9	13,6	25,3	20,2	0,0	100,0
RA Campinas	4,6	47,9	20,4	17,3	11,6	2,9	100,0
Estado de São Paulo	4,7	46,1	19,1	17,7	13,0	4,1	100,0

Fonte: IBGE - Curso Demográfico, 1991

Nota: (1) em salários mínimos

Esta característica explica a maior proporção de chefes com renda inferior a 3 s.m. na região. São os casos de alguns municípios, como Itobi e Santa Maria da Serra que, apesar de possuírem uma proporção muito baixa de chefes sem renda, concentram mais de 70% deles entre os que auferem até 3 salários mínimos⁵.

Tais dados mostram que aqui estão colocadas duas situações. A primeira mostra que, apesar da menor remuneração relativa pelo trabalho na região em relação ao Estado (expressa pelo valor da renda média), existia uma maior inserção destes chefes no mercado porque, no limite, eles possuíam algum tipo de remuneração (pela menor proporção de chefes sem rendimento). A Segunda mostra que os municípios com grande participação de chefes com renda inferior a 3 s.m. tinham, em 1996, uma pequena população⁶ e possuíam um baixo grau de urbanização⁷, em oposição aos municípios de Campinas e Águas de São

5 Dos 13 municípios que possuem mais de 70% dos chefes ganhando menos de 3 s.m., 4 têm menos de 1% deles sem rendimento e 6 com menos de 2%.

6 Com exceção de Caconde e Tambaú, os 11 demais possuíam, em 1996, menos de 15.000 habitantes

7 A metade deles tinha menos de 56% de população urbana

Pedro, que possuíam mais de 20% dos chefes com remuneração superior a 10 s.m. e um alto grau de urbanização.

Os dados de renda dos chefes reproduzem, grosso modo, o comportamento do VA. Estes dados apresentam a RG de São João da Boa Vista, com os piores indicadores com relação à distribuição da remuneração média dos chefes, segundo faixas de rendimento e as RG de Jundiaí e de Campinas os melhores (tabela 8). Contudo se são estas duas RG as que apresentaram as maiores proporções de chefes com maior rendimento, são também as que apresentaram as mais altas porcentagens de chefes sem rendimento. No caso da RG de Jundiaí, 6 dos 9 municípios (ou 67%) a ela pertencentes tiveram mais de 3%⁸ de chefes sem renda, enquanto que a de Campinas teve 8 dos 18 municípios nestas condições (44%). Em termos demográficos, os chefes sem renda nos seis municípios de Jundiaí representaram pouco mais de 4 mil chefes, contra quase 14 mil na RG de Campinas. A maior alteração em relação ao VA per capita, verificou-se com a RG de Bragança, que não apresentou tão bons indicadores, principalmente da proporção de chefes sem renda.

Tabela 8 - Rendimento dos Chefes de Domicílios.
Regiões de Governo da RA de Campinas, 1991.

Regiões do Governo	Distribuição em salários mínimos				Sem Rend.	Total	renda média ⁽¹⁾
	de 3	+ 3 a 5	+ de 5 a 10	+ de 10			
Bragança Paulista	59,6	15,3	13,2	9,0	2,9	100,0	4,2
Campinas	42,1	21,9	19,1	13,7	3,2	100,0	4,8
Jundiaí	43,9	21,2	19,5	12,0	3,5	100,0	4,7
Limeira	53,2	20,9	15,4	8,5	2,1	100,0	4,4
Piracicaba	46,3	21,6	18,1	11,9	2,1	100,0	4,7
Rio Claro	52,3	20,6	15,5	9,5	2,1	100,0	4,4
São João da Boa Vista	64,9	15,2	10,8	6,9	2,2	100,0	4,0
RA Campinas	47,9	20,4	17,3	11,6	2,9	100,0	4,6

Fonte: IBGE - Censo Demográfico, 1991

Nota: (1) em salários mínimos

⁸ A média da RA foi de 2,9%.

As situações, como a que está exemplificada pela região de Bragança, principalmente quando observa-se a percentagem de chefes dos domicílios que não possuem renda, mostra que o "enriquecimento" dos municípios, expressos na evolução do VA, não são apropriados, a rigor, pela população. Ou seja, com exceção dos municípios com maior vigor em sua economia, os recursos auferidos pelos municípios através de tributos, ou repasses, não são reinvestidos na geração de renda para a população (sabe-se que grande parte desses recursos são utilizados pelas prefeituras para a remuneração dos salários dos servidores, que na verdade não são altos). A existência de situações opostas a estas também pode ser constatada observando estes dados, ou seja, onde apesar da pequena evolução, ou queda, do Valor Adicionado municipal, existe uma relativa porcentagem de chefes de família auferindo bons salários (como é o caso mais visível de Casa Branca, ou menos intenso de Piracicaba, Capivari, Valinhos e Vinhedo, entre outros). Nestas situações, pode-se inferir que a economia municipal vincula-se mais ao dinamismo do capital privado, do que propriamente das ações diretas de investimentos públicos.

5. CONSIDERAÇÃO FINAL

As diferenças de comportamento das economias dos municípios estudados mostra claramente que existem algumas particularidades de comportamento entre alguns desses municípios, que acabam por constituírem-se em territórios específicos no interior da região. Estes casos, como os de Bragança e São João da Boa Vista, poderiam futuramente ser melhor estudados.

BIBLIOGRAFIA

- BAENINGER, R. *Espaço e Tempo em Campinas: migrantes e a expansão do pólo industrial paulista*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, jan. 1992, p. 16-23.
- SEMEGHINI, U. C. *A região administrativa de Campinas. São Paulo no limiar do século XXI*. Fundação SEADE, São Paulo, mar. 1992, volume 8, p. 15-67.

Evolução Econômica e Populacional da Região de Campinas...

Tabela 9 - População total, urbana e rural, grau de urbanização e taxa de crescimento. Região Administrativa de Campinas, Regiões de Governo Municípios 1980-1991-1996.

Região Administrativa, Regiões de Governo e Municípios	População							
	População			Grau de Urbanização			Taxas de Crescimento	
	1980	1991	1996	1980	1991	1996	1980/91	1991/96
RA de Campinas	3.196.969	4.382.452	4.867.181	83,4	89,9	91,4	2,9	2,1
RG de Bragança Paulista	288.495	380.114	416.094	69,4	79,6	81,4	2,5	1,8
Águas de Lindóia	9.120	11.951	13.514	95,4	95,0	95,6	2,5	2,5
Amparo	41.466	50.472	55.375	69,0	81,3	80,8	1,8	1,9
Atibaia	57.446	85.691	95.182	83,8	86,6	88,9	3,7	2,1
Bom Jesus dos Perdões	7.054	9.782	10.872	77,7	91,1	91,7	3,0	2,1
Bragança Paulista	83.705	108.204	109.902	74,6	84,7	89,6	2,4	0,3
Joanópolis	7.744	8.180	9.189	42,4	86,9	100,0	0,5	2,4
Lindóia	3.192	4.107	4.901	81,3	86,0	88,8	2,3	3,6
Monte Alegre do Sul	4.851	5.422	5.996	41,7	50,4	48,2	1,0	2,0
Nazaré Paulista	8.371	11.592	11.912	29,5	35,7	42,2	3,0	0,5
Pedra Bela	4.682	5.138	5.142	14,4	17,2	19,3	0,8	0,0
Pinhalzinho	6.369	8.362	10.056	33,5	45,0	44,4	2,5	3,8
Piracaia	13.677	19.000	20.224	59,3	100,0	100,0	3,0	1,3
Serra Negra	17.251	21.590	22.285	78,1	80,3	83,2	2,1	0,6
Socorro	23.567	30.623	30.846	51,2	55,2	58,0	2,4	0,1
Tuiuti	-	-	4.608	-	-	49,8	-	-
Vargem	-	-	6.090	-	-	32,4	-	-
RG de Campinas	1.399.531	2.019.329	2.277.223	88,2	94,8	95,5	3,4	2,4
Americana	121.552	153.273	167.695	99,8	99,9	99,9	2,1	1,8
Artur Nogueira	15.802	27.811	25.888	43,8	48,4	89,5	5,3	(1,4)
Campinas	661.992	843.516	907.831	89,0	97,2	96,0	2,2	1,5
Cosmópolis	23.067	36.421	39.811	81,3	89,3	94,7	4,2	1,8
Engenheiro Coelho	-	-	8.692	-	-	67,9	-	-
Estiva Gerbi	-	-	8.048	-	-	86,4	-	-
Holambra	-	-	6.630	-	-	25,3	-	-
Hortolândia	-	-	115.136	-	-	100,0	-	-
Indaiatuba	55.731	99.949	121.517	86,2	90,9	97,9	5,5	4,0
Itapira	47.800	56.381	60.717	77,5	87,9	90,3	1,5	1,5
Jaguariúna	15.093	24.819	25.349	61,0	76,2	83,5	4,6	0,4
Mogi-Guaçu	73.113	106.848	114.298	89,0	93,0	91,7	3,5	1,4
Mogi-Mirim	50.436	64.523	75.144	84,3	90,5	91,2	2,3	3,1
Monte Mor	13.890	25.291	30.751	49,1	85,8	94,3	5,6	4,0
Nova Odessa	21.743	33.876	37.364	89,2	93,8	91,7	4,1	2,0
Paulínia	20.573	36.298	44.287	92,0	89,7	90,0	5,3	4,1
Pedreira	21.295	27.653	31.819	92,0	95,8	93,9	2,4	2,8
Santa Bárbara d'Oeste	75.866	143.945	160.778	93,8	97,2	98,2	6,0	2,2
Santo Antônio de Posse	10.825	14.272	14.886	65,5	78,2	81,3	2,5	0,8
Sumaré	100.589	223.553	167.559	94,1	99,4	99,3	7,5	(5,6)

Região Administrativa, Regiões de Governo e Municípios	População							
	População			Grau de Urbanização			Taxas de Crescimento	
	1980	1991	1996	1980	1991	1996	1980/91	1991/96
Valinhos	48.670	67.545	74.489	76,6	88,1	93,5	3,0	2,0
Vinhedo	21.494	33.355	38.534	97,2	98,2	98,3	4,1	2,9
RG de Jundiaí	399.447	534.129	578.936	83,4	89,9	91,9	2,7	1,6
Cabreúva	11.624	18.631	23.482	56,3	70,7	73,8	4,4	4,7
Campo Limpo Paulista	21.636	44.924	52.169	94,1	97,9	97,5	6,9	3,0
Itatiba	41.377	61.236	71.409	85,3	87,7	88,8	3,6	3,1
Itupeva	10.110	17.921	20.561	33,8	63,7	72,4	5,3	2,8
Jarinu	6.155	10.802	12.355	19,1	50,0	61,2	5,2	2,7
Jundiaí	258.328	288.228	293.303	85,7	91,9	94,3	1,0	0,3
Louveira	10.254	16.140	18.037	79,2	86,8	88,2	4,2	2,2
Morungaba	6.501	8.174	9.630	70,2	76,0	75,9	2,1	3,3
Várzea Paulista	33.462	68.073	77.990	96,5	98,7	100,0	6,7	2,8
RG de Limeira	338.487	465.002	521.045	85,1	87,0	88,0	2,9	2,3
Araras	64.714	86.983	95.846	83,4	90,3	93,1	2,7	2,0
Conchal	12.945	19.137	22.545	71,8	81,6	85,4	3,6	3,3
Cordeirópolis	9.334	13.267	15.308	70,4	75,6	65,9	3,2	2,9
Iracemápolis	8.230	11.886	13.982	76,1	89,8	93,2	3,4	3,3
Leme	45.977	67.803	77.651	88,7	94,6	95,9	3,6	2,7
Limeira	149.798	206.456	229.946	91,5	85,7	85,3	3,0	2,2
Pirassununga	44.811	56.547	62.611	74,0	83,0	87,2	2,1	2,1
Santa Cruz da Conceição	2.678	2.923	3.156	37,6	48,6	52,1	0,8	1,5
RG de Piracicaba	294.437	394.800	434.236	86,7	90,6	91,9	2,7	1,9
Águas de São Pedro	1.086	1.684	1.720	100,0	100,0	100,0	4,1	0,4
Capivari	25.052	34.026	38.186	78,5	84,2	82,3	2,8	2,3
Charqueada	8.872	10.712	12.538	73,8	80,7	87,4	1,7	3,2
Elias Fausto	8.244	11.570	12.470	47,7	59,3	67,8	3,1	1,5
Mombuca	2.657	2.598	2.826	28,4	48,8	70,8	(0,2)	1,7
Piracicaba	213.343	282.492	302.459	92,4	95,1	96,1	2,6	1,4
Rafard	5.895	8.553	8.789	64,0	76,2	80,7	3,4	0,5
Rio das Pedras	13.394	18.978	22.207	78,3	87,2	91,3	3,2	3,2
Saltinho	-	-	5.259	-	-	79,4	-	-
Santa Maria da Serra	2.805	4.268	4.488	64,2	80,3	83,1	3,9	1,0
São Pedro	13.089	19.919	23.294	77,8	77,5	80,4	3,9	3,2

Evolução Econômica e Populacional da Região de Campinas...

Região Administrativa, Regiões de Governo e Municípios	População							
	População			Grau de Urbanização			Taxas de Crescimento	
	1980	1991	1996	1980	1991	1996	1980/91	1991/96
RG de Rio Claro	149.315	188.024	213.140	87,3	90,3	92,8	2,1	2,5
Analândia	2.292	3.008	3.438	46,6	52,6	64,1	2,5	2,7
Brotas	11.216	14.344	17.010	66,7	75,6	82,2	2,3	3,5
Corumbataí	2.791	3.148	3.523	33,8	40,1	43,4	1,1	2,3
Ipeúna	1.838	2.685	3.329	51,8	65,8	80,0	3,5	4,4
Itirapina	6.889	9.862	11.005	72,9	75,4	86,4	3,3	2,2
Rio Claro	109.821	137.041	153.119	94,5	96,0	96,9	2,0	2,2
Santa Gertrudes	7.947	10.444	13.545	82,3	92,3	97,1	2,5	5,3
Torrinha	6.521	7.492	8.171	69,9	74,9	79,3	1,3	1,8
RG de São João da Boa Vista	327.257	401.054	426.507	68,4	77,2	82,0	1,9	1,2
Aguai	16.979	23.202	26.306	73,9	82,2	84,8	2,9	2,5
Águas da Prata	5.708	6.678	7.163	74,1	78,5	82,9	1,4	1,4
Casconde	16.392	17.248	17.482	48,9	55,3	63,6	0,5	0,3
Casa Branca	21.698	25.226	24.804	65,7	75,3	82,2	1,4	(0,3)
Divinolândia	10.247	11.827	11.509	40,5	47,0	54,8	1,3	(0,5)
Espírito Santo do Pinhal	33.293	37.109	38.075	69,6	77,8	83,4	1,0	0,5
Itobi	5.724	6.768	6.802	61,2	74,8	83,1	1,5	0,1
Mococa	47.149	58.237	63.715	76,0	83,0	85,7	1,9	1,8
Santa Cruz das Palmeiras	16.008	21.672	23.908	79,8	88,6	93,2	2,8	2,0
Santo Antônio do Jardim	5.498	5.685	6.052	29,9	39,9	52,3	0,3	1,3
São João da Boa Vista	55.745	68.884	73.655	81,8	88,0	90,5	1,9	1,3
São José do Rio Pardo	36.035	44.438	47.606	60,6	70,5	77,1	1,9	1,4
São Sebastião da Gramma	11.321	11.794	11.483	40,8	48,4	55,1	0,4	(0,5)
Tambaú	15.384	19.782	21.191	75,2	80,9	84,9	2,3	1,4
Tapiratiba	9.846	11.756	12.689	36,1	51,9	59,6	1,6	1,5
Vargem Grande do Sul	20.230	30.748	34.067	81,8	89,8	91,5	3,9	2,1

Fonte: Fundação Seade

Tabela 10 - Variação do valor adicionado per capita e da população total e rendimento dos chefes de domicílios Região Administrativa de Campinas, Regiões de Governo e Municípios 1985/1994; 1991.

Região Administrativa, Regiões de Governo e Municípios	Variação (85/94)		Renda Média 1991 (1)
	Per Capita	Absoluta	
RA de Campinas	1,1	3,4	4,6
RG de Bragança Paulista	2,9	4,3	4,2
Águas de Lindóia	5,5	8,1	4,0
Amparo	2,5	4,3	4,3
Atibaia	0,2	3,3	4,6
Bom Jesus dos Perdões	1,0	3,7	4,1
Bragança Paulista	3,8	5,0	4,4
Joanópolis	1,4	2,5	3,7
Lindóia	3,6	6,4	4,2
Monte Alegre do Sul	8,2	9,6	3,6
Nazaré Paulista	6,1	8,4	3,5
Pedra Bela	-2,4	-1,9	3,3
Pinhalzinho	-0,5	2,5	3,6
Piracaia	8,7	11,3	3,9
Serra Negra	-2,1	-0,6	4,2
Socorro	-1,2	0,4	3,9
Tuiuti	-	-	-
Vargem	-	-	-
RG de Campinas	3,6	3,8	4,8
Americana	-2,2	-0,2	4,8
Artur Nogueira	-0,8	-1,9	4,2
Campinas	4,0	6,0	5,4
Cosmópolis	3,9	9,8	4,4
Engenheiro Coelho	-	-	-
Estiva Gerbi	-	-	-
Holambra	-	-	-
Hortolândia	-	-	-
Indaiatuba	4,6	9,8	4,6
Itapira	1,2	2,7	4,2

Evolução Econômica e Populacional da Região de Campinas...

Região Administrativa, Regiões de Governo e Municípios	Variação (85/94)		Renda Média 1991
	Per Capita	Absoluta	
Jaguariúna	1,4	5,4	4,4
Mogi-Guaçu	0,8	2,4	4,3
Mogi-Mirim	-0,3	3,4	4,5
Monte Mor	12,1	17,8	3,8
Nova Odessa	0,5	4,0	4,4
Paulínia	10,6	16,0	4,9
Pedreira	-3,8	-1,4	4,2
Santa Bárbara d'Oeste	-3,2	1,4	4,2
Santo Antônio de Posse	-1,1	0,9	3,9
Sumaré	-8,2	-7,8	4,0
Valinhos	-1,6	1,0	5,0
Vinhedo	-1,1	2,5	4,8
RG de Jundiaí	3,2	4,8	4,7
Cabreúva	2,2	6,8	4,0
Campo Limpo Paulista	-2,8	2,6	4,5
Itatiba	4,0	7,6	4,5
Itupeva	10,5	15,4	4,2
Jarinu	6,1	10,8	4,3
Jundiaí	3,2	4,0	5,0
Louveira	15,7	19,8	4,2
Morungaba	-0,3	2,2	3,9
Várzea Paulista	-1,3	4,0	4,2
RG de Limeira	-2,7	1,6	4,4
Araras	-0,9	1,5	4,5
Conchal	-9,6	-6,4	3,9
Cordeirópolis	-0,4	2,7	4,2
Iracemápolis	-7,9	-4,9	4,6
Leme	-2,0	1,2	4,0
Limeira	-1,1	1,5	4,4
Pirassununga	4,3	6,5	4,6
Santa Cruz da Conceição	-3,7	-2,7	4,4
RG de Piracicaba	-2,6	1,5	4,7
Águas de São Pedro	8,3	11,4	5,6
Capivari	-0,9	1,7	4,6
Charqueada	-5,3	-3,2	4,1